

Desmatamento na Amazônia

Philip M. Fearnside
INPA

A taxa de desmatamento na Amazônia Legal tem aumentado e diminuído ao longo dos anos em função de uma variedade de forças econômicas e políticas. Dados preliminares recentemente liberados sobre desmatamento em 2003 indicam uma várias mudanças inquietantes que requererão medidas mais radicais se o processo de perda de floresta é para ser trazido sob controle governamental.

A estimativa preliminar para a taxa de desmatamento em 2003 é de 23.750 km²/ano, um aumento modesto (2,3%) em relação à taxa de 23,266 de km²/ano em 2002. A taxa em 2002 representou um aumento de 27,9% em relação à taxa de 18.165 km²/ano em 2001. O pulo em 2002 (embora menor que o aumento de 40% indicado pelos dados preliminares para aquele ano) aconteceu quando a economia brasileira estava com crescimento baixo, diferent dos picos anteriores de desmatamento que aconteceram em paralelo com o crescimento econômico do País. Isto pode ser, em parte, devido a causas econômicas que têm pouca conexão à economia doméstica do Brasil, tais como as exportações internacionais de soja e de carne de boi. Estas duas mercadorias desfrutaram de preços altos, e o Brasil recentemente ganhou a destinação de ser o maior exportador do Mundo de ambas as mercadorias. No caso da carne de boi, a força da “conexão de hambúrguer” agora chegou na Amazônia como resultado da certificação de porções do País como livres da febre aftose (primeiro na região central-sul, e mais recentemente em alguns estados chave da Amazônia, inclusive Mato Grosso e Rondônia). O pulo de desmatamento em 2002 teve o fator complicador de ser um ano eleitoral para os governos estaduais, assim levando a uma tendência dos governos estaduais não fazer cumprir restrições sobre desmatamento, e os donos das propriedades aproveitaram da oportunidade apresentada por mudanças antecipadas dos governadores (especialmente em Mato Grosso).

Os dados preliminares de 77 cenas críticas do satélite LANDSAT (cada uma de 185 × 185 km) para 2003 indicam algumas tendências inquietantes. Houve uma grande explosão de desmatamento em Mato Grosso, de 7.578 km²/ano em 2002 para 10.416 km²/ano em 2003. O pulo de desmatamento em Mato Grosso é coincidente com a eleição de Blairo Maggi como o governador do estado (Maggi é creditado com sendo o maior empresário individual de soja do Mundo).

Uma segunda mudança indicada pelos dados de 2003 é um aumento aparente na importância de agricultores pequenos relativo aos fazendeiros médios e grandes, embora a preponderância de desmatamentos grandes ainda é aparente. Uma área de desmatamento rápido é evidente no Pará que estende de Novo Repartimento até Tucumã e São Félix do Xingu, ocupando a área ao oeste das áreas indígenas Parakanã e Cateté. A maior parte deste desmatamento provavelmente é feito por agricultores pequenos. Isto levanta a pergunta de quando a fronteira vai “fechar”, tal que entrar na floresta

amazônica e estabelecer uma posse não seria mais uma opção para migrantes individuais.

Uma terceira característica mostrada pelos novos dados de desmatamento é um aumento de derrubadas em áreas indígenas. Na área do Rio Xingu, no Pará, a taxa de desmatamento quadriplicou nas áreas indígenas de 2002 para 2003. Para as 77 cenas críticas de LANDSAT na Amazônia como um todo, a taxa de desmatamento em áreas indígenas aumentou em 57%, de 433 km²/ano em 2002 para 682 km²/ano em 2003. Isto inclui um desmatamento substancial (288 km² derrubados em 2003) na terra indígena Apyterwa, justamente no novo corredor de desmatamento entre Novo Repartimento e Tucumã, no Pará.

Uma quarta característica é uma explosão de desmatamento dentro da “terra do meio”, entre os Rios Xingu e Iriri, no Pará, que é o palco de atividade ilegal significativa, inclusive a lavagem de dinheiro do narcotráfico. Uma quinta característica é um aumento continuado do desmatamento ao longo da rodovia BR-163, por exemplo em Novo Progresso, Pará. Este é um dos projetos de prioridade para pavimentação sob o PPA, e é posicionado para se tornar uma extensão do “arco de desmatamento”. Infelizmente, a decisão para construir ou não construir um projeto como este é muito mais importante do que as atividades colaterais associadas que são presumidas a controlar o desmatamento, tais como as agroflorestas e a educação ambiental para promover a governância. Uma demonstração triste aconteceu recentemente em Guarantã do Norte, Mato Grosso, que tinha sido apresentado como o exemplo modelo de “governância” por causa do seu “prefeito verde”. Foi justamente neste local, na Rodovia BR-163 perto da divisa entre Mato Grosso e Pará, que a representante do Ministério do Meio-Ambiente foi sequestrada e mantida como refém por madeireiros para um resgate de concessões nas restrições ambientais.

Apesar das barreiras formidáveis para controlar o desmatamento na Amazônia, é essencial reconhecer que as decisões envolvidas estão em mãos humanas. Não é predeterminado que a floresta amazônica será destruída. O fatalismo é o maior inimigo da floresta.